

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

UM ESTUDO SOBRE O SETOR INFORMAL URBANO
E FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO

Maria Cristina Cacciamali Souza

Orientador: Prof. Dr. Roberto Brás Matos Macedo

Tese apresentada à Faculdade de Economia e
Administração da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de DOUTOR EM
ECONOMIA.

SÃO PAULO
- 1982 -

Aos nossos anos 80.
À Agnes pelo estímulo.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1	14
SETOR INFORMAL: UM CONCEITO CONTROVERTIDO.....	14
1.1 A ORIGEM DA DEFINIÇÃO DO SETOR INFORMAL	16
1.2 A INTERPRETAÇÃO DO PREALC	19
1.3. A ABORDAGEM SUBORDINADA.....	22
CAPÍTULO 2	25
SETOR INFORMAL: UMA ABORDAGEM INTERSTICIAL E SUBORDINADA.....	25
2.1. O SETOR INFORMAL NESTE TRABALHO.....	26
CAPÍTULO 3	36
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO DAS DEFINIÇÕES E AFIRMAÇÕES A RESPEITO DO SETOR INFORMAL	36
3.1. AS FORMAS USUAIS DE MEDIR O SETOR INFORMAL.....	37
3.2. ALGUMAS QUALIFICAÇÕES SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DO SETOR INFORMAL.....	39
CAPÍTULO 4	47
A HETEROGENEIDADE E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ASSALARIADO	47
4.1. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ASSALARIADO	48
4.2. IMPACTO DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO EM LARGA ESCALA SOBRE O TRABALHADOR	51
CAPÍTULO 5	59
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS PARA PESQUISAS SOBRE CONDIÇÕES DE TRABALHO E NÍVEIS DE RENDA.....	59
5.1. UTILIZAÇÃO PRÁTICA DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS	61
5.2. AS CATEGORIAS DE ANÁLISE: A CLASSIFICAÇÃO SOB AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO	63

5.3. CRITÉRIOS ADOTADOS PARA CAPTAR DIFERENTES GRAUS DE QUALIFICAÇÃO	73
5.4. CRITÉRIOS ADOTADOS PARA ENQUADRAR OS RAMOS DA PRODUÇÃO	74
CAPÍTULO 6	77
FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: TRABALHADORES ASSALARIADOS E AUTÔNOMOS.....	77
6.1. POPULAÇÃO AMOSTRADA, CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS TRABALHADORES AMOSTRADOS E PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.....	78
6.2. COMPARAÇÃO ENTRE TRABALHADORES ASSALARIADOS E AUTÔNOMOS: TESTES EMPÍRICOS	85
6.3. UMA APLICAÇÃO DO COEFICIENTE DE CONCORDÂNCIA DE KENDALL	99
CONCLUSÕES, CONSIDERAÇÕES SOBRE INTERVENÇÃO GOVERNAMENTAL E SETOR INFORMAL.....	108
BIBLIOGRAFIA.....	116
ANEXO ESTATÍSTICO.....	123

APRESENTAÇÃO

O ponto de partida para o desenvolvimento deste estudo é a existência de segmentação na produção aqui entendida como contínua diferenciação de atividades produtivas – de formas de organizar a produção e o trabalho, de processos produtivos e de trabalhos e de atributos requeridos para exercê-lo – e com este pano de fundo conceitua-se o termo Setor Informal e desenvolve-se o quadro metodológico que irá originar um conjunto de elementos empíricos sobre os trabalhadores no Município de São Paulo em 1980. O Setor Informal é aqui associado com as formas de organizar a produção, que não tem como motor o trabalho assalariado, ou seja, considera-se Setor Informal como o conjunto de produtores que, de posse dos meios de trabalho, desenvolvem suas atividades baseadas na própria força de trabalho. O quadro metodológico, por sua vez, foi desenvolvido com a finalidade de refletir espectros de formas dos indivíduos participarem da produção – proprietários, assalariados e trabalhadores por conta própria -, qualificados por aspectos referentes: requisitos para o trabalho – idade, sexo e escolaridade –, condições de trabalho – vínculo jurídico, qualificação, horas trabalhadas e tempo de permanência no posto de trabalho ou atividade – e níveis de renda. Decorre da análise empreendida, dos elementos empíricos coletados, bem como dos testes hipotéticos aplicados, que não se pode afirmar serem os trabalhadores informais, sob a conceituação aqui adotada, proporcionalmente a massa de trabalhadores que detêm os mais baixos requisitos e as piores condições de trabalho e níveis de renda no Município de São Paulo. Propostas de políticas de emprego e renda específicas para o Setor Informal não são priorizadas por este estudo, visto esse Setor ocupar espaço econômico intersticial e subordinado aos movimentos das firmas capitalistas. Além do que, no caso do Município de São Paulo em 1980, a maioria dos trabalhadores é assalariada e compõe parcela significativa dos que exercem o trabalho em condições e níveis de renda precários.

Agrade-se à Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e à Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), cujo apoio financeiro possibilitou a elaboração desta pesquisa.

Agradece-se também aos Profs. Drs. José Tiacci Kirsten – Coordenador do Projeto FINEP/IPE, Roberto Brás Matos Macedo – Orientador do trabalho de doutoramento, José Paulo Z. Chahad., Carlos Antonio Luque, Ana Maria Bianchi, Ivo Torres e Maria Elisete Licursi pelas leituras e discussões realizadas durante as etapas preliminares deste estudo.

Maria Cristina Cacciamali
09/82

ABSTRACT

The starting point for the development of this study is the existence of segmentation in the production, understood herein as a continuous fashion of differentiation in productive activities. With this background define the term *Informal Sector* and develop a methodological picture that will result in a set of empirical elements about the workers in São Paulo in 1980. The *Informal Sector* is herein related to the ways of organizing the production that do not have, as its drive, the work payed on the basis of wages. Therefore, the Informal Sector is considered as a set of *producers* that by possessing the means of work develop their activities in their own labour force. The methodological picture, was developed with the purpose of reflecting a spectrum of ways of individual participation in the production – owners, wage workers and independent workers – desegregated by specific work requirements – age, sex and education -, conditions – legal ties, qualification, hours worked and duration in the position in his job or activity – and income levels.

Considering the empirical elements gathered and the hypothesis tested, one can not state that the independent workers – or the *Informal Workers*, under the definition adopted herein constitute the mass of workmen who are the unqualified and have the worst working conditions and income levels in São Paulo. Proposal concerning job policies and income policies which are specific for the Informal Sector are not emphasizes in this study due to the fact the refereed sector occupies and interstitial economic space and depends on the movements of capitalistic enterprises. We should also note that in the case of São Paulo in 1980, the majority of workmen work on a wage payment basis and make us a significant part of those who perform their works under precarious conditions and low income level.

INTRODUÇÃO

Os anos 70 marcam-se pela eclosão de interpretações críticas sobre o desenvolvimento da produção e suas inter-relações com o mercado de trabalho. Algumas correntes teóricas rejeitam as hipóteses de homogeneidade, livre opção e mecanismos de mercados como condizentes para explicar a dinâmica do mercado de trabalho nos países capitalistas avançados. A explicação de que os pobres são *pobres de características pessoais*, tão a gosto dos seguidores da teoria do capital humano, passa a sofrer críticas mais intensas. As análises duais, características para explicar a produção do mundo atrasado, são reinterpretadas e passam a ser aplicadas para o estudo do mercado de trabalho, em especial urbano, dos países *adiantados*.¹

O entendimento da dinâmica da produção nos países subdesenvolvidos também passa por transformações. O setor *tradicional* para alguns economistas acadêmicos, e para outros que em instituições internacionais estudavam o desenvolvimento econômico, passa a ser visto não apenas como resíduo do passado, mas fruto do mesmo processo de desenvolvimento econômico que cria o setor *moderno*. Uma nova roupagem e denominação lhe são dadas: Setor Informal:² termo aplicado ao mercado de trabalho urbano e que, em sua origem, significa *a maneira de produzir caracterizada por: facilidade de entrada; dependência a recursos nativos; propriedade familiar do empreendimento; pequena escala de operações; intensidade de trabalho e tecnologia adaptada; qualificações (no trabalho) adquiridas fora do sistema escolar formal e mercados não regulados e concorrenciais*.³

Sendo que a maior parte das atividades no Setor Informal são economicamente eficientes e lucrativas, apesar de pequenas na escala e limitadas por tecnologias simples,

¹ Refere-se, aqui, à literatura americana sobre segmentação do mercado de trabalho que encontrou maior penetração nos meios acadêmicos a partir dos últimos anos da década dos 60. Resenhas a respeito dos diversos conjuntos de enfoque podem ser encontradas em: Cain, G.C. (1976), *The Challenge of Segmented Labor Market Theories to Orthodoxy Theory: A Survey*, in J.E.L., vol. 4, nº 151, dez., p. 1215/1257. Lima, R. (1980), *Mercado de Trabalho: O Capital Humano e a Teoria da Segmentação* in P.P.E., vol. 10, nº 1, abril, p. 217/272.

² *Nós descrevemos estes dois setores urbanos como sendo formal e informal. Esta designação não pretende contribuir para uma proliferação acadêmica de rótulos; nós queremos encontrar uma terminologia analítica que descreva a dualidade, evitando a discriminação contra o setor de baixa renda que é inerente à dicotomia moderno-tradicional. Ambos os setores são modernos, ambos são consequência da urbanização que ocorreu em Kenya ao longo dos últimos 50 anos. Citado em OIT (1972), *Employment, Income and Equality. A Strategy for Increasing Productive Employment in Kenya*, Genebra, p. 503/504.*

³ OIT (1972), *op. cit.*, p. 6.

*pouco capital e falta de vínculos com o Setor Formal.*⁴ Além disso, esse Setor compreende uma variedade de carpinteiros, pedreiros, alfaiates, negociantes, varejistas e artesões, bem como cozinheiros e motoristas de táxi.⁵

Tanto a definição como os elementos apresentados para caracterizar o Setor Informal dão margem a ângulos interpretativos diversos, pois cada uma das condições enumeradas para caracterizar esse setor, assim como o seu conjunto, não se dá, em geral, nem com a mesma intensidade, nem simultaneamente.

A interpretação que está sendo adotada neste trabalho é a de abstrair, entre as condições que compõem a definição, aquelas que se referem à forma de organização da produção, acreditando-se que tal abordagem é a que mais se aproxima da conceituação original.⁶ O Setor Informal, nesse enfoque, reflete os trabalhos realizados por produtores que, de posse dos meios de produção, se valem do trabalho familiar, ou de alguns ajudantes, para dar fim às suas atividades. Em outras palavras, neste Setor, as formas de organização da produção não se baseiam na força do trabalho assalariado. No entanto, o entendimento e a aplicação do termo Setor Informal não seguem marcadamente este caminho.

A denominação *Setor Informal* foi rapidamente generalizada em estudos da OIT a partir dos anos 70, incorporada nos informes técnicos de outros órgãos internacionais, nos discursos governamentais e pela literatura acadêmica, compondo discussões sobre padrões de crescimento econômico nos países economicamente atrasados, perfis de distribuição de renda que lhes estão associados e políticas de emprego e renda. Com o intuito de propor políticas que aliviassem a pobreza e a desigualdade social nos países economicamente atrasados, e a necessidade de construir uma categoria que encerrasse os mais pobres nesses países, o Setor Informal passa então a ser geralmente associado a conjuntos de indivíduos que, no interior do quadro social, detêm baixos níveis de renda.⁷

⁴ OIT (1972), *op. cit.*, p. 7.

⁵ OIT (1972), *op. cit.*, p.7

⁶ O conceito forma de organização da produção está sendo entendido como organização do processo produtivo sob a ótica e os cortes da propriedade, volume e qualidade dos meios de produção e uso da força de trabalho.

⁷ Resenhas sobre o Setor Informal podem ser encontradas em Sethuraman, S.V. (1976), *El Sector Urbano no Formal; Definicion, Medicion y Políticas*, RIT, vol. 94, nº 1, julho/agosto. PREALC (1978), *Setor Informal: Funcionamento y Políticas*, Santiago. Manzudmar, D. (1976), *The Urban Informal Sector in World Development*, vol. 4, nº 8, p. 655/679. Moser, C.O.N. (1978), *The Informal Sector or Petty Commodity Production: Autonomy or Dependence in Urban Development*, in *World Development*, vol. 6, nº 9/10, p. 1040/1059, Development Planning Unit, University College, London. Tokman, V.E. (1978), *An Exploration into the Nature of Informal-Formal Sector Relationships in World Development*, vol. 6, nº 9/10, outubro, p. 1065/1076.

O Setor Informal é entendido, neste estudo, como o trabalho autônomo que existiu e persiste até os dias de hoje, intersticialmente, no interior da produção capitalista. A pequena produção ou o trabalho autônomo foi e é, continuamente, destruído pela imposição capitalista, pela expansão das firmas em busca de lucros, pelos avanços tecnológicos e pelos níveis de produtividade logrados. A produção capitalista, no entanto, mesmo em escala oligopólica, não conseguiu destruir essa forma de organizar a produção, mas sim recriá-la, sendo que esta recriação se dá sob a forma de inúmeros trabalhos autônomos, que podem ser constatados na produção de qualquer país capitalista:

Existem ainda sobrevivências do tipo de produtor-proprietário, chamados trabalhadores por conta própria, de acordo com o senso populacional britânico, que os registra como representando 5% da população trabalhadora (uma classe que tem mais importância noutros países capitalistas, tanto na Europa como na América, do que propriamente na Grã-Bretanha).⁸

... os serviços domésticos e de reparação que se destinam às unidades domésticas (em el hogar) estão organizados em empresas, apesar de que subsistem algumas pessoas que executam essas tarefas por conta própria. Da mesma maneira, os profissionais estão organizados em firmas em proporção muito maior que em nossos países (América Latina), apesar de que também subsistem algumas pessoas que trabalham de forma independente. Isso se reflete, por exemplo, na proporção de trabalhadores por conta própria sobre o total da força de trabalho: nos países subdesenvolvidos essa proporção se situa, em geral, acima dos 30% (México, 35%, Venezuela, 30%, Jamaica, 31%, Honduras, 35%, Equador, 41%).

Por outro lado, esta participação não supera 20% nos países desenvolvidos sendo, contudo, significativa (Japão, 19%, França, 15%, Estados Unidos, 11%, Suécia, 11%).⁹

Dentro da perspectiva aqui adotada, a persistência do trabalho autônomo não implica ocupação livre do espaço econômico, mas sim que esta ocupação se dá de forma subordinada, ao toque da penetração e avanços das firmas capitalistas sobre os ramos da produção existentes e sobre aqueles criados. A justaposição assimétrica e subordinada do Setor Informal às formas de organização da produção capitalista lhe imprime restrições

⁸ Dobb, M. (1975), *Capitalismo, Ontem e Hoje*, 3ª Edição, Ed. Estampa, Lisboa, p. 19/20 (grifos desta autora).

⁹ Tokman, V.E. e Souza, P.R. El Sector Informal Urbano em Algunas Cidades: Asunción in *PREALC* (1978), *op. Cit.*, p. 146, rodapé (3). (Grifos e parênteses desta autora).

ao desenvolvimento das atividades que o compõem e às condições de trabalho e níveis de renda auferíveis pelos indivíduos nele incluídos.

O pressuposto principal para o desenvolvimento deste trabalho é a existência de segmentação na produção e sobre este conceito impõem-se, agora, algumas idéias. A segmentação é vista, aqui, como consequência de características que emanam do modo de produção capitalista. A produção norteada pela acumulação provoca o movimento incessante de criação, ampliação e crescimento dos ramos da produção, isto é, da divisão social do trabalho. A concorrência intercapitalista, conjugada pelo progresso técnico e conduzindo ao processo de concentração e centralização do capital, vem acompanhada pela mobilidade – trabalho livre – e controle sobre o trabalho e resume-se, nos dias de hoje, a uma intensa divisão de trabalho. Visualiza-se, então, a contínua diferenciação de atividades produtivas – e, dentro delas -, de formas de organizar a produção e o trabalho, de processos produtivos e de trabalho, e de qualificações e habilidades do trabalhador. Essa diversidade apresenta-se como uma segmentação, aqui entendida como um processo de diferenciação da estrutura produtiva e dos atributos dos trabalhadores.

O desenvolvimento do processo de produção recompõe, continuamente, a segmentação, redimensionando, quantitativa e qualitativamente, o espaço econômico, a totalidade das atividades econômicas e sua forma de organização, e os postos de trabalho e atividades disponíveis. Abstrações analíticas dentro do conceito exposto podem ser feitas sob diversos ângulos, respeitado o objeto de estudo escolhido pelo pesquisador.

O impacto deste movimento sobre o Setor Informal Urbano – nosso objeto de estudo – é que, ao mesmo tempo em que recompõem as relações entre as grandes e pequenas firmas capitalistas, também se recompõem as relações entre as formas de organização da produção capitalista e seus interstícios, a nível de outras relações de produção – como compra e venda de bens e serviços, mobilidade do trabalho, acesso ao mercado, qualificação do trabalho etc. É um único movimento que fortalece, mantém, cria ou destrói atividades produtivas, sejam elas organizadas sob quaisquer formas. Assim, estas relações devem ser analisadas em função do desenvolvimento econômico encerrado em uma dada realidade e pelas especificidades que delas derivam.

No caso brasileiro, nos dias de hoje, a coexistência entre oligopólios multinacionais, nacionais privados e estatais, subordinando firmas capitalistas menores e demais formas de organização da produção, se manifesta de forma heterogênea e contrastante. Isto é provado, em parte, pelas características do padrão de crescimento econômico em movimento nos últimos três decênios. As qualificações deste processo,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

